

RESENHA

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Editora: DP&A, Rio de Janeiro, 2006.

Lucian Armindo da Silva Brinco

Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
lucianbrinco@gmail.com

Natália Lampert Batista

Pós-doutoranda em Geografia (PPGGeo/UFSM) e bolsista do Programa Nacional de Pós-doutorado (PNPD) da CAPES
natilbatista3@gmail.com

Stuart Hall, teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano (1932 – 2014), leva a reflexão das várias questões a respeito das identidades culturais no âmbito da pós-modernidade, sendo que o livro resenhado é uma obra impar para aquelas pessoas que buscam compreender os diversos fatos sociais, principalmente de maneira crítica. Dessa forma, o primeiro ponto destacado pelo autor no livro *A identidade cultural na pós-modernidade* é que as velhas identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno, o que acarreta em uma “crise de identidade”. Assim, pode-se dizer que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, “deslocadas” ou “fragmentadas”, principalmente com o fortalecimento do processo de globalização.

Nesse sentido, o autor destaca que um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando e/ou interferindo nas diferenças de classe, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade. Também está

mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia de que temos de nós próprios como sujeitos integrados, como uma forma de deslocamento ou descentração do indivíduo.

Hall (2006) também defende três concepções de identidade. A primeira diz respeito ao “sujeito do iluminismo”, cuja concepção de indivíduo apresenta-se como sendo totalmente centrada, unificada e, da mesma maneira, com um pensamento muito individualista. Já a segunda é do “sujeito sociólogo”, refletindo a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior do sujeito não é autônomo/autossuficiente, mas formado na relação com as outras pessoas importantes para ele, isto é, através de uma perspectiva “interativa”. Portanto, ressalta-se que nessa visão a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade, uma espécie de preenchimento entre o interior e o exterior.

No entanto, tem-se que o indivíduo, previamente vivido como tendo uma identidade única e estável, está se transformado, tornando-se fragmentado, composto não de uma, mas de várias identidades. Esse processo produz o “sujeito pós-moderno”, conceptualizado como não tendo uma identidade totalmente fixa, ou mesmo essencial ou permanente. Surge uma “identidade como uma celebração móvel”, transformada continuamente nos sistemas culturais, sendo definida através de perspectiva histórica e não biológica. Aquela identidade tida como plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, como salienta Hall (2006). Existe uma multiplicidade de identidades possíveis. Dessa forma, as identidades estão continuamente sujeitas às mudanças.

Sob tal entendimento, Hall (2006) apresenta e discute um sistema teórico híbrido sobre o “descentramento do sujeito”, utilizando diferentes linhas de pensamento. Assim, a primeira descentração ocorreu, segundo o autor, através do pensamento Marxista, com a afirmação de que “os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas”. O segundo dos grandes “descentramentos” do pensamento ocidental do século XX também foi importante, pois advém da descoberta do inconsciente de Freud, com a ideia de que as identidades são formadas a partir de processos psíquicos e simbólicos inconscientes.

Em seguida, o terceiro descentramento diz respeito a linguística estrutural de Ferdinand de Saussure. A quarta descentralização ocorre face aos trabalhos de Foucault, com a chamada “genealogia do sujeito” e também com “poder disciplinador”. Para finalizar, a quinta descentração é por meio do movimento feminista (década de 1960), que, conseqüentemente,

reflete a oposição tanto à política liberal capitalista do Ocidente quanto à política estalinista do Oriente. Assim sendo, o feminismo apela pelos direitos às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas e assim por diante. “Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade – uma identidade para cada movimento.” (HALL, 2006, p. 45).

Logo após, Hall (2006) discorre a respeito da “identidade nacional”. Para isso, há a narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na cultura popular, que fortalecem uma série de estórias (imagens, símbolos...) que dão sentido à nação. Logo, surge a “comunidade imaginada”, em que se unificam todos os indivíduos numa identidade nacional. Acerca disso, há a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição. No entanto, deve-se pensar que essas invenções de práticas culturais disseminam valores e/ou normas comportamentais, com a criação de mitos fundacionais, por exemplo.

O autor também lembra do caráter da mudança na modernidade tardia ao processo de globalização e seu impacto sobre a identidade cultural. Isso porque essas transformações no mundo pós-moderno, quando dada a ênfase na descontinuidade, na fragmentação, na ruptura e no deslocamento, possuem uma linha em comum: o impacto de mudança contemporânea conhecida como globalização.

As sociedades modernas passam por mudança constante, rápida e permanente, salienta Hall (2006). A medida que áreas diferentes do globo são postas em interconexão, ondas de transformações das relações sociais atingem virtualmente toda a superfície da terra. Ademais, deve-se considerar que tudo isso gira em torno de transformações ocorrem no tempo e do espaço. Nessa relação, o ponto que ele enfatiza é sobre o termo “descontinuidades”.

A modernidade se apresenta como um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente, mas também caracterizada por um processo sem fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior, como aponta Hall (2006). Além do mais, o que acontece à concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não é simplesmente sua desagregação, mas seu deslocamento, que engloba uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno.

Diante disso, nota-se que as identidades nacionais acabam sendo descentradas por meio do processo de globalização. Entretanto, Hall (2006) também coloca que através do mundo

globalizado surgem as “identidades compartilhadas”, uma vez que as pessoas consomem praticamente os mesmos produtos, as mesmas imagens e, ao mesmo tempo, estão distantes uma das outras, espacial e temporalmente. Por fim, Hall (2006) apresenta outros três conceitos importantes: Fundamentalismo, Diáspora e Hibridismo. Eles atuam por meio das contradições entre tradição e tradução em um quadro global, com o reflexo na forma como as identidades devem ser conceptualizadas. Ele coloca a relevância do hibridismo no contexto sociocultural pós-moderno analisando o descentramento no Ocidente.

Sendo assim, pode-se considerar que, no sentido mais amplo, o autor leva a reflexão de que o sujeito é formado de múltiplas ideias e identidades. Além disso, a globalização influencia, direta ou indiretamente, nas várias identidades e que, conseqüentemente, atinge a identidade cultural nacional. Surge também pelo contexto do hibridismo, ocorrendo uma fusão entre as distintas tradições culturais e que produz novas formas de cultura, que são consideradas como modernidade tardia. Dessa forma, o foco do presente livro é mostrar como o sujeito possuidor de uma identidade estável está se fragmentando e sendo composto por várias identidades. Esse sujeito não tem uma identidade fixa, essencial e/ou permanente, mas sim está em uma constante transformação, dada as condições que lhe são impostas e das inúmeras relações sociais que mantem ao longo de sua vida.

Enviado em 22/01/2021
Aceito em 18/07/2021